

ENTREVISTA DA SEMANA

Municípios têm de se preparar para o fim da guerra fiscal, alerta especialista

As sete cidades precisam reservar em seus planos diretores áreas destinadas à implantação de indústrias. A orientação é do diretor do Instituto Fundação Santo André, Kleber Okumura Paiva. Ele diz que, com o fim da guerra fiscal, previsto para 2032, o Grande ABC poderá reverter o processo de fuga de empresas, já que, por possuir localização privilegiada, deve atrair negócios.

Política 4

entrevista da semana

Kleber Paiva, empresário e diretor do Instituto Fundação Santo André

‘Cidades têm de fazer a lição de casa até 2032’

CLEBER FERRETTI (clieberferretti@igabc.com.br)

Um dos mais renomados empresários do ramo contábil do Grande ABC e diretor do Instituto Fundação Santo André, Kleber Okumura Paiva chama a atenção para a necessidade dos municípios do Grande ABC

se prepararem para a entrada em vigor definitiva da Reforma Tributária, em 2032, situação que, segundo ele, criará regras econômicas iguais para todos, permitindo mais a Guerra Fiscal, que acontece a região nos últimos anos e pode ter contribuído para o processo de desindustrialização. O economista



Nome: Kleber Paiva Estado civil: Casado Idade: 68 anos Local de nascimento: Santo André, Hosiânia (Barris) Formação: Bacharel em Ciências Contábeis pelo Fundação Santo André Hobby: Estar com a família e antigas Local predileto: Interior de São Paulo Livro que recomenda: Os Miseráveis, de Victor Hugo Artista que mais gosta: Chico Buarque Profissão: Empreendedor Onde trabalha: IFCN



“A partir de 2032, investir na região será tão interessante quanto investir em outro lugar.”

Com relação à saúde financeira da instituição, depois de ter enfrentado uma crise, é possível dizer que a Fundação Santo André está com as contas equilibradas, não é?

Sem dúvida, a Fundação Santo André hoje está em uma realidade financeira diferente, mas ainda não 100% confortável, porém, muito melhor do que anos atrás, como entre 2015 e 2018, por exemplo. Hoje uma nova política administrativa instituída ainda pelo então reitor, Francisco Milreu, que, por questões internas, acabou deixando a instituição, e continuada pelo atual reitor, Rodrigo Cutri, que tem feito um ótimo trabalho e ajudado muito a instituição. Foram obrigados a cortar na carne um quadro especial de docentes, fizeram uma renovação que permitiu sanear as finanças e a instituição vem conseguindo agregar novos

alunos. Hoje, eu diria que a situação está muito melhor e a perspectiva para os próximos anos é que ela só tende a crescer.

Como o Instituto Fundação Santo André pode contribuir com a região?

Podemos ajudar e muito dignificando os profissionais regionais e apontando caminhos para superar alguns gargalos existentes, sobretudo para o desenvolvimento econômico das sete cidades.

E quais são os principais desafios, na sua avaliação?

A questão logística, sem dúvida, o que considero fator preponderante para a região ser acometida pela guerra fiscal nos últimos anos. O Grande ABC não tem sido favorável para novos investimentos. Isso é fato. Agora, mais do que nunca, os municípios precisam se preparar para 2032, quando a Reforma Tributária entra definitivamente em vigor. Com isso, investir na região se torna interessante quanto investir em outro município. Deste modo, quem estiver mais bem preparado, reservando áreas dentro do Plano Diretor específicas para o investimento na indústria, sobretudo na indústria de transformação, que tem alto valor agregado, pode se dar bem.

Como o senhor avalia o processo de desindustrialização em termos econômicos e sociais?

É uma questão complexa, mas acredito que o processo de desindustrialização mudou o perfil econômico do Grande ABC. Sem dúvida, a região se tornou polo prestador de serviços, porém, prestador de serviços de baixo valor agregado. A grande maioria das empresas que hoje se instala por aqui é de atacarejos. Não quero depre-



“Uma população economicamente saudável é um município saudável também.”

ciar a atividade, de forma alguma. É um setor que gera empregos. Quando eu falo que a região precisa se preparar, estou me referindo à atração de empresas que gerem riqueza social e financeira, como o ramo de tecnologia, por exemplo. É mais uma vez entra a importância do Instituto Fundação Santo André, que pode contribuir com a expertise do corpo docente da instituição e unir esforços com o poder público para encontrar caminhos para um futuro melhor para o Grande ABC.

A Assembleia Legislativa está levantando o debate sobre a necessidade de uma terceira rodovia que ligue a Capital ao Litoral. O governador Tarcísio de Freitas, inclusive, já autorizou estudos sobre o tema. O que você acha dessa iniciativa?

Eu falo que, acabando com a guerra fiscal, investir no Grande ABC será tão interessante quanto investir em qualquer lugar. A região não é o ponto mais próximo do maior porto da América Latina. Então, melhorar a malha viária só tornará a região ainda mais favorável para investimentos, sobretudo para a indústria de transformação. Uma terceira pista ligando a Capital ao Porto melhora para todo mundo, beneficia, inclusive, o escoamento de mercadorias e matérias-primas que vem de outras localidades. O Estado de São Paulo ganha com isso.

O que mais o sr. enxerga como possibilidade de desenvolvimento econômico para a região?

Por que não pensarmos em portos secos? É outro caminho que entra naquilo que eu falei dos planos diretores, de pensar qual é o que o município precisa fazer para atrair negócios. Outro assunto que o sr. tem abordado muito em suas entrevistas é o questionário do Desenvolva, do governo fe-

desvolva, programa para o qual as pessoas possam negociar suas dívidas e regularizar o nome na praça. Essa iniciativa tem funcionado?

O programa Desenvolva vem ajudando muita gente. Já são mais de R\$ 40 bilhões negociados no País. Além de oferecer a oportunidade de negociar dívidas de até R\$ 20 mil, o programa tem chamando a atenção para a questão da educação financeira, tema, inclusive, que entendo que deveria fazer parte do currículo escolar. Eu ainda não tenho estatificado o impacto do programa no Grande ABC, mas me parece que a adesão não tem atendido as expectativas. Ainda há muito trabalho a ser feito. É nesse sentido que o programa teria impactos positivos, cerca de 4% dos endividados da região. Se esses dados forem reais, acredito que está faltando o envolvimento de políticas públicas a esse respeito. Talvez seja necessário uma fiscalização entre as sete cidades e o Consórcio Intermunicipal do Grande ABC. E preciso unir forças com o governo federal. É preciso investir mais nessa pauta porque os cidadãos são beneficiários e não apenas os estudantes e menos na engrenagem econômica dos municípios. Já o contribuinte que tem seu nome regular na praça é aquele que vai fazer girar a economia. Uma população saudável economicamente é um município saudável também.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

**Seção:** Política **Página:** Capa + página 4